

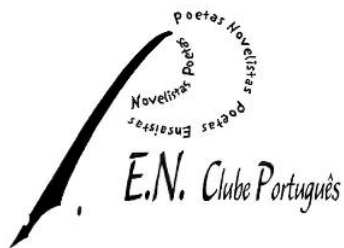
## RELATÓRIO DO 39º. ENCONTRO INTERNACIONAL DO COMITÉ DE ESCRITORES PARA A PAZ

28 Março-1 Abril de 2007 – Bled (Eslovénia)

### **Aberturas e resistências**

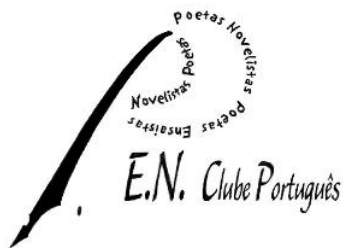
“É claro que as pequenas culturas linguísticas não se podem fechar em si mesmas se quiserem comunicar com o mundo, pois só as identidades abertas são capazes de manter as suas particularidades”, afirmou o escritor Peter Kovačič Peršin, do centro do PEN esloveno, na sessão dedicada à primeira de três mesas-redondas: Linguagens ameaçadas – Culturas em vias de desaparecimento, A leitura como acontecimento social, A resistência pós-totalitária. A temática das três, como foi repetidamente reconhecido, está interrelacionada como triplo sintoma de uma época que vê certos valores e hábitos postos em causa, face às ameaças de uma globalização neoliberal, em que predomina a “killer language” do inglês, como afirmou Paul Henderson Scott do centro do PEN escocês.

Durante três dias, estas temáticas foram objecto de discussão junto ao lago de Bled (Eslovénia) entre 75 escritores, representando 20 centros do PEN internacional (que conta com cerca de 140). Se os testemunhos de autores acerca das línguas ocitana, curda, bielorrussa, uyghur (cultura sediada no ocidente da China) dão conta de tradições seculares postas em xeque ora por razões de funcionalismo e pragmatismo económico, ora por força de directa repressão política, já a afirmação de Philippe Pujas (centro do PEN francês) acerca da garantia de diferenciação e de coesão (das línguas e dos livros como exercícios culturais) através de uma prática democrática veio lembrar que nada é simples, nem súbito, nem linear. “A língua”, sublinhou este autor, “não morre brutalmente... Só morrem as que não encontram no corpo social energia para as defender. Digamos que há para uma língua duas vias principais para morrer: o constrangimento político-militar, a conquista dos espíritos pela dominação económica e social. A segunda é mais ameaçadora.”



A equação torna-se evidente: se as formas de constrangimento contra hábitos culturais sedimentados em comunidades linguísticas se tornam diversificadas, igualmente necessária é uma reflexão comunicacional acerca dos modos de contrariar algumas imposições esquemáticas, um pouco como a tentativa de discernir espaços vazios (ou possibilidades de inscrição) entre as barras de uma grelha. Aqui se “inscreveram” as comunicações de Maria João Reynaud (“La couleur des oiseaux: éloge de la diversité”, para a 1ª mesa-redonda) e de Teresa Salema (“The Walls Inside Us Or: What Kind of Resistance Is At Stake?”, para a 3ª mesa-redonda), do centro do PEN português.

A “resistência pós-totalitária” é sentida de forma diversa, consoante o escritor se viu ou não afectado por uma experiência de totalitarismo que provoca. Como afirmou Edvard Kovač, do centro do PEN esloveno e presidente do Comité de Escritores para a Paz, na sua intervenção introdutória da 3ª mesa-redonda, “o papel do escritor é estar vigilante e reconhecer as transformações do pensamento rígido que até há pouco tempo havia sufocado a sua criatividade e o tinha obrigado à dissidência”. Contudo, advertiu que “a queda do totalitarismo não significa o surgimento de uma forma crítica de pensar e reflectir”. Isto porque “nos países pós-totalitários, nota-se uma grande nostalgia de decisões simples e rápidas. Daí a insustentável ligeireza de novos populismos.” Onde antes vigorava o chicote político, passou a imperar a ameaça do garrote económico, com reflexos perniciosos no espírito de cidadania, indispensável a uma prática cultural diversificada, a um solo favorável à pluralidade linguística, às práticas de leitura. Disso foi testemunha Elizabeth Csicsery Rónay, na sua comunicação sobre a repressividade política e económica do corrupto regime húngaro, dominando os *media* e impulsionando um processo de privatizações aceleradas. Mária Bátorová, do centro do PEN eslovaco, afirmou que “a História da humanidade está cheia de esforços trágicos e ainda progressivos para desafiar a gravitação e voar como um pássaro, mas infortunadamente também cheia de infracções mútuas à liberdade, instintivas e intencionais, de aniquilamento e destruição em nome da maximização, do auto-engrandecimento, do proveito próprio.” Zeki Ergas, do PEN suíço de expressão francesa, lembrou os atentados ao ambiente em nome do “fundamentalismo de mercado” e Basim Mardan, escritor iraquiano a viver no exílio norueguês por estar duplamente ameaçado (sendo filho de mãe shiita e pai sunita), referiu a insustentabilidade da situação no Iraque para o trabalho de escritores e jornalistas.



Daí também a dificuldade não tanto de falar mas de implementar esforços efectivos em favor da paz. Os escritores Jean-Luc Favre (PEN francês) e Sami Michael (PEN israelita) puseram à disposição dos participantes reportagens em DVD em torno de tentativas para reatar o diálogo entre israelitas e palestinianos, no terreno do conflito e na Europa. Sami Michael confessou não só pertencer aos dois lados do conflito, tendo nascido no Iraque e emigrado para Israel, mas sobretudo uma grande frustração por não ver um fim a um conflito que presencia de perto há 60 anos. E contou que 3 questões haviam sido colocadas a Deus por uma crente. Primeira questão: Vou enriquecer? Deus respondeu: Sim. Segunda questão: A minha filha casar-se-á? Resposta de Deus: Sim, mas só depois da tua morte. Terceira questão: Haverá paz entre israelitas e palestinianos. Aí Deus só pôde responder: Sim, mas após o meu tempo de vigência.

Esta pequena anedota (glosada aliás em várias línguas e culturas, com entidades diferentes de “perguntantes” e “respondentes”) poderia ilustrar um pouco as dificuldades inerentes ao trabalho do Comité de Escritores para a Paz, que debateu questões relacionadas com focos de conflito na China, na Rússia, no Médio Oriente, tendo redigido uma Carta Aberta dizendo respeito às ameaças à liberdade de expressão na Rússia e deliberado organizar uma conferência sobre a paz em Istambul, em Dezembro de 2007. Nas duas reuniões do mesmo Comité, não foi porém posta em causa a necessidade de insistir na conjugação de tentativas para influenciar a opinião pública e levar as partes conflitantes, onde quer que se encontrem, a assumir o diálogo político.

2.4.2007

Teresa Salema

(Vice-presidente do centro do P.E.N. Português)